

# MANIQUEÍSMO

Otavio Frias Filho

*Folha de S. Paulo, 27 de setembro, 2001.*

Segundo relato de Paulo Daniel Farah, foi em território afegão que teria nascido Zoroastro, o profeta persa do século 6º a.C., criador da primeira religião baseada no antagonismo entre o bem e o mal. Um de seus seguidores, já na Era Cristã, deu origem ao termo maniqueísmo, o hábito de levar aquela oposição a extremos.

O detalhe é oportuno, pela ironia, pois uma das reações instantâneas, que percorreram o planeta em ondas após o choque dos impactos ter sido absorvido, fez surgir um novo maniqueísmo. A última divisão maniqueísta do mundo desapareceu com o colapso soviético e era muito diferente desta.

Não existe agora uma divisão entre dois sistemas de organização social a separar o mundo, grosso modo, em duas metades geográficas. Existe um mundo integrado às economias do Atlântico Norte e que reproduz seu modelo, e existe uma multidão de países e classes aliadas da globalização "ocidental".

Ninguém apoiaria abertamente atos de terror, sobretudo na escala desumana dos atentados do dia 11. Mas o maniqueísmo que emergiu agora se expressa em apoio incondicional à política norte-americana e de seus aliados ou em resistência a uma solução militar, que não corrigiria as "assimetrias" que regam o fanatismo.

Essa globalização "ocidental" vinha gerando um movimento larvar de resistência, a que se deu o nome de espírito de Seattle em referência à cidade americana onde houve a primeira onda de protestos que reuniu sindicalistas, ambientalistas, utópicos e descontentes em geral. Desde então essas manifestações cresciam.

Falta-lhes (ou faltava, talvez) um fator de coesão. Suas reivindicações eram fragmentárias, desconexas e impraticáveis, ou pareciam assim. Muitos de seus teóricos consideravam essa lassidão em matéria de teoria e de prática uma das vantagens do caráter novo, difuso e capilar de seu heterogêneo movimento.

É irônico que a geopolítica mundial e a atuação desse campo "progressista", "antiglobalização" ou que nome se queira dar, tenham sido sacudidas por extremistas que estão num estágio pré-capitalista, regressivo, da resistência ao modelo ocidental contemporâneo, como se futuro e passado dessem as mãos.

O Taleban pratica massacres contra tribos sublevadas, proíbe as mulheres de se educarem e de trabalhar, censura informações e idéias, comete destruição maciça de obras de arte. Está efetivamente fora do que a cultura ocidental considera os valores básicos da civilização. Deveria ser exterminado como o vírus da varíola?

A contradição é que essa mesma cultura ocidental apregoa os valores do respeito à identidade antropológica das culturas. Os atentados colocam essa contradição no cerne do pensamento "progressista" de agora em diante, ao mesmo tempo que significam um ato de barbárie a alavancar suas críticas ao modelo dominante.